

**OS BEBÊS E OS ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS:  
conhecendo os bebês *Beng***

***BABIES AND ANTHROPOLOGICAL STUDIES:  
knowing the Beng babies***

---

Míghian Danae Nunes\*

GOTTLIEB, Alma. **Tudo começa além da vida**: a cultura dos recém-nascidos no oeste da África. Trad. Mara Sobreira. São Paulo: Fap-Unifesp, 2012. 536p.

*O ato de imaginar a perspectiva de qualquer outro ser humano é sempre um exercício de arrogância.*

(Alma Gottlieb)

É com entusiasmo que recebemos a publicação no Brasil do livro *Tudo começa na outra vida: a cultura dos recém-nascidos no oeste da África* (2013), escrito por Alma Gottlieb, editado pela FAP-Unifesp, e com tradução feita por Mara Sobreira. A autora é uma antropóloga estadunidense, professora da Universidade de Illinois (EUA). Neste livro, ela retrata o modo de vida da população Beng a partir dos bebês. Os Beng são um povo nômade e um dos menores grupos étnicos dos aproximadamente sessenta grupos que ocupam a nação da Côte d'Ivoire<sup>1</sup> no oeste da África.

Os estudos sobre os bebês ainda encontram pouca inserção em áreas como antropologia, sociologia e mesmo na educação, estes recebendo mais atenção em áreas como medicina e psicologia, aquela atrelada à perspectiva do desenvolvimento. Uma rápida revisão bibliográfica no site da Capes<sup>2</sup> pode ilustrar essa afirmação: dos 232 trabalhos encontrados (117 artigos e 115 dissertações/teses), escritos em

---

\* Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e doutoranda em Educação na USP, Brasil. E-mail: mighiandanae@yahoo.com.br

1 Segundo nota da tradutora, esta optou por não traduzir o nome do país que usualmente chamamos, no Brasil, de Costa do Marfim para respeitar uma solicitação do governo local, que desde 1978 sugere que seu nome não seja traduzido para nenhum idioma.

2 Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 15 out. 2015.

português entre os anos de 2005 a 2015, e localizados a partir do descritor “bebês”, 219 estão relacionados às áreas afins à medicina e à psicologia, doze vinculados à área de educação e um deles à área de ciências da informação.

Encontramos trabalhos acadêmicos sobre bebês produzidos na área da pedagogia, notadamente vinculados à discussão sobre práticas pedagógicas em contextos de educação coletiva e espaços de educação infantil, formação de professoras (COUTINHO, 2010; STAMBAK, 2011, entre outros). Ainda assim, mesmo nesta área, temos uma considerável lacuna de trabalhos que deem conta de apresentar os bebês como produtores de cultura e partícipes da sociedade. Esta mesma ausência faz-se presente – talvez com um pouco mais de intensidade – em outras áreas das ciências humanas, a saber, a antropologia e a sociologia. Em geral, são trabalhos que têm como aporte teórico os estudos sociais da infância os responsáveis pela presença das crianças pequenas nas pesquisas acadêmicas em ciências sociais, mas ainda podemos notar que alguns trabalhos que abordam os bebês estão vinculados aos estudos sociais da infância<sup>3</sup> ou à sociologia da infância. Mesmo não demonstrando neste livro uma filiação direta aos pressupostos da sociologia da infância, visto que cita apenas uma vez a contribuição de um teórico da área<sup>4</sup>, é perceptível, a partir da leitura, o compromisso com uma descrição que leve em conta a vida dos bebês e suas interações com o grupo ao qual estão vinculados.

Em seu artigo *Para onde foram os bebês? Em busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores)*, Alma Gottlieb (2009) cita seis motivos pelos quais os bebês ainda enfrentam resistência à inclusão nas discussões antropológicas atuais:

[...] as memórias e o status parental do próprio antropólogo, a questão problemática da agência dos bebês e sua suposta dependência de outras pessoas, suas rotinas ligadas às mulheres, sua aparente incapacidade de comunicação, sua propensão inconveniente a vazar através de vários orifícios, e seu aparente baixo grau de racionalidade (GOTTLIEB, 2009, p. 313).

Ainda segundo Gottlieb (2009, p. 313):

A investigação de como os bebês são concebidos fora do mundo ocidental industrializado pode nos levar a percebê-los de uma forma bastante diferente da entendida no Ocidente (inclusive por antropólogos). O confronto entre esses dados comparativos sugere a importância de se considerar os bebês sujeitos relevantes e benéficos para os objetivos da Antropologia.

---

3 Segundo Prado (2014, p. 18), “os estudos sociais da infância constituem um campo de conhecimento em construção, que, em síntese, partilha entre si a visão das crianças como atores sociais com significativa participação na construção da história e da cultura (CORSARO, 2011) [...] Os paradigmas propostos pelos estudos sociais da infância têm orientado pesquisas nas áreas de história, pedagogia, antropologia, economia, saúde e psicologia apesar de suas sistematizações virem da sociologia, mais especificamente, da sociologia da infância”.

4 Na página 89, a autora recorre a um texto de James e Prout (1990) para afirmar que “um novo paradigma para os estudos sobre infância está surgindo”.

*Tudo começa além da vida* vai ao encontro destas constatações e está organizado em duas partes. A primeira, composta por três capítulos, detém-se mais profundamente sobre o trabalho de campo da antropóloga e também em como a antropologia tem olhado para os bebês, além de apresentar o mundo Beng. Nestes três capítulos – “Trabalhando com recém-nascidos”, “Os bebês tem cultura?” e “O mundo Beng” –, a autora toca em importantes pontos acerca da pesquisa etnográfica e de discussões relacionadas ao conceito de cultura, às metodologias empregadas, às generalizações ou particularizações deste ou daquele registro sem, contudo, deixar de assumir que suas escolhas não necessariamente representam o todo sobre os bebês Beng e este grupo étnico. Faz uma breve contextualização histórica dos Beng e uma apresentação de seu mundo social. A segunda parte possui oito capítulos, que serão melhor detalhados no decorrer deste texto, visto tratar-se mais diretamente da pesquisa realizada entre os bebês, as especificidades em torno de suas práticas de cuidados, além de discorrer também sobre o modo como os bebês são vistos pelo seu grupo social.

O título do livro dialoga com o livro de D. W. Winnicott chamado *Tudo começa em casa*, contrapondo a visão que o autor traz sobre a importância do “lar” na criação de bebês e da mãe como dona de um “lugar de honra” na formação do modelo emocional e social destes, já que, para os Beng, os bebês não surgiram de um útero ou um lar sem problemas, mas sim de um espaço culturalmente construído de história prévia – uma vida pós-morte. “As vidas dos bebês Beng não são compreensíveis, sem considerar-se o papel da religião indígena em definir as decisões que as pessoas que cuidam deles tomam a cada minuto, e as ações que elas praticam com relação aos bebês que estão sob seus cuidados” (GOTTLIEB, 2015, p. 25).

“Meu objetivo principal foi desafiar a suposição de que um “bebê padrão” existe, de alguma forma, fora da cultura” (GOTTLIEB, 2015, p. 21). A partir deste objetivo, e adotando uma perspectiva geertziana no trabalho etnográfico, a saber, aquele “pensamento continuamente desafiador” que diz “que o que é tido como senso comum para alguns pode ser qualquer coisa menos isso para outros” (GOTTLIEB, 2015, p. 92), afirma ter chegado aos bebês Beng por conta própria, pois de 1973 a 1993 realizou pesquisas etnográficas com o grupo Beng, tendo vivido com eles parte deste tempo. A autora demonstra como é possível realizar uma pesquisa com bebês de colo que leve em conta seus modos de ser e fazer, mesmo sem realizar entrevistas formais. Apesar de buscar não interpretar as ações dos bebês de maneira descontextualizada, é certo que ela arrisca tentar compreender atitudes dos bebês de colo, guardando certa distância por ser uma adulta e não nativa. Sua própria atitude, assim, lembra-nos que interpretar o que as crianças querem dizer é uma ação presente também em nossa sociedade e que não será descartada completamente: a reflexão sobre esta ação e sobre o que ela acarreta em nossa relação com as crianças pode tornar-se também uma das contribuições deste livro.

Para evitar que pessoas “de fora” sejam acometidas de sentimentos alternados de “inveja e piedade” quando entram em contato com o que a autora chama de vida dupla dos Beng – “vidas de pobreza material, paralela a uma riqueza espiritual e social” (GOTTLIEB, 2015, p. 22) –, a antropóloga realiza, de tempos em tempos, na análise dos dados etnográficos, comparações entre as práticas de cuidado dos bebês Beng e as práticas comuns do cuidado de bebês nos Estados Unidos. O foco destas

comparações é um subgrupo específico dos Estados Unidos do qual ela mesma faz parte – aqueles que se consideram membros de uma classe média, unidos por pelo menos uma ligação nominal com a herança judaico-cristã e influenciados pelas principais orientações filosóficas dessa tradição religiosa.

No capítulo quatro, intitulado “Os Bebês espirituais Beng”, Gottlieb apresenta de maneira intensa a vida espiritual dos bebês de colo, já que a religião Beng organiza a vida diária. Neste contexto, os bebês levam uma vida espiritual profunda e acredita-se que, quanto menores eles são, mais completamente espiritual é a sua existência. Isso acontece porque cada bebê Beng é a reencarnação de alguém que morreu, vindos de uma existência rica e social em um lugar que os adultos chamam *wrugbe* (cidade dos espíritos), de onde eles se afastam pouco a pouco, a partir do dia em que nascem.

Assim, a mãe e o pai dos bebês precisam ficar atentos aos cuidados das crianças de colo, porque estas, por guardarem uma ligação ainda muito estreita com o mundo pós-morte (o que corresponde a um mundo anterior à vida, já que a reencarnação é uma trajetória cíclica sem começo nem fim), podem ser chamadas ou atraídas por espíritos do *wrugbe* para retorno a este mundo. Essa vulnerabilidade latente manifesta-se através de efeitos físicos – doenças ou situações-problema – que não podem ser controlados pelas pessoas adultas e nem são simplesmente explicados pela pobreza material a que os Beng estão submetidos atualmente, estando eles também vinculados a justificativas espirituais. Isto demonstra o quanto é importante que antropólogas e antropológicos considerem a relevância da religião para o entendimento da cultura presente no cuidado aos bebês de colo.

Os cuidados mencionados anteriormente dizem respeito desde ao asseio da criança – cuidados com o banho e a beleza – àqueles que envolvem atenção e escuta, não apenas da mãe ou do pai, mas de pessoas próximas como um todo. Este lugar social do bebê de colo confere a ele outro *status* no grupo do qual faz parte, pois se crê que sua relação com um mundo anterior confere-lhe saberes especiais – bebês Beng são políglotas, pois no *wrugbe* fala-se todas as línguas – que são paulatinamente reorganizados em sua vida atual. Os bebês, nesse modelo de comportamento, têm um alto nível de ação e consciência, esta sendo decodificada por adultos com conhecimentos tradutórios especiais – os adivinhos. São eles quem auxiliam a família dos bebês de colo a entender suas necessidades, que podem estar relacionadas com pedidos específicos daqueles que acabaram de chegar a esse mundo.

No quinto capítulo – “Os bebês Beng sujos” –, Gottlieb explora minuciosamente a maneira como o povo Beng organiza a rotina de banhos diários dos bebês com base em seu modelo ideológico – sendo a ideologia também parte constitutiva desta prática. Estes banhos são realizados meticulosamente, todos os dias, no mínimo duas vezes, e são o início dos momentos em que o corpo da criança será “cuidadosamente esfregado, tateado, pintado, medicado, ornamentado e frequentemente untado” (GOTTLIEB, 2015, p. 215). Pelo que a autora pôde notar, esta atividade é considerada um pré-requisito para ser considerada uma boa mãe. Sem estes cuidados, há sempre a possibilidade de que o bebê de colo retorne ao *wrugbe*, por não ter encontrado nesta vida pai e mãe responsável ou ambiente adequado para sua estadia.

Esse embelezamento do bebê também guarda relação direta com a eficiência

de sua progenitora em cuidar dele, já que a falta da beleza pode indicar que ela não tem sido uma boa mãe. Com este embelezamento – que inclui preceitos espirituais e também medicinais –, há maiores possibilidades de que uma criança mais velha possa servir de babá, já que em geral a mãe precisa retornar aos campos, após, geralmente, três meses do nascimento do seu bebê.

A contratação de uma *lenküli* – carregadora de bebês<sup>5</sup> – ou ter um grupo destas que se revezam durante o dia/semana logo após esse primeiro período de cuidados maternos demonstra, segundo a autora, a forma como os bebês de colo, desde muito cedo, são estimulados a ter um intenso convívio social com as demais pessoas do grupo, e este é o assunto do capítulo seis, chamado “Os bebês Beng sociáveis”. Gottlieb relembra como a expressão confirma a relevância do contato corporal para o grupo Beng, diferenciando-se, assim, da atuação de uma *baby-sitter* que, quando contratada por família euro-americana, é paga para olhar as crianças de uma determinada distância – brincando no chão com o bebê ou sentada numa cadeira enquanto ele dorme num espaço separado dela.

Já no capítulo sete – “Os bebês Beng sonolentos” –, a pesquisadora organizou um registro dos tempos em que as crianças passavam no colo de outras pessoas durante o dia e a noite e o que elas faziam – dormir, comer, brincar –, observando como este contato corporal moldava parte do comportamento social dos bebês. Além disso, como o bebê é entendido não como uma criatura nova, mas, sim, como alguém que já esteve neste mundo antes e que está retornando como um ancestral reencarnado, é possível que pessoas desconhecidas aos familiares sejam bastante próximas dos bebês que acabaram de retornar do *wrugbe*. Assim, os bebês são encorajados a ligarem-se emocionalmente com todas as pessoas adultas.

Estas práticas de sociabilidade podem ser observadas mesmo quando os bebês estão dormindo. Gottlieb estudou o tempo que os bebês passam dormindo em seus sonos de amamentação e nos sonos noturnos, além de com quem ficam nas sonecas diurnas, que ela classificou como soneca curta e soneca sacolejante – quando estão amarradas às costas de alguém –, para afirmar que os padrões de sono dos bebês de colo Beng “ensinam desde cedo a lição de que a coisa mais importante sobre viver é reter e promover laços sociais com uma ampla variedade de pessoas” (GOTTLIEB, 2015, p. 284); sobretudo através das práticas corporais, a intenção é passar a mensagem aos bebês Beng de que “este mundo é convidativo e hospitaleiro, um mundo para o qual vale a pena separar-se do outro” (GOTTLIEB, 2015, p. 284).

No capítulo oito, intitulado “Os bebês Beng com fome”, Gottlieb continua demonstrando o quanto aquilo que sabemos sobre bebês na América são fundamentos tão culturais quanto biológicos, médicos e ambientais. Ela apresenta os alimentos dados às crianças Beng e como eles são introduzidos nos meses subsequentes ao nascimento. Já que os bebês são pessoas com desejo e memória, essa imagem molda as decisões maternas, que estão também relacionadas com o

---

<sup>5</sup> Gottlieb usa o termo no feminino e registra que Amenan, uma mãe Beng, fala que as mulheres preferem escolher meninas em vez de meninos “porque os meninos geralmente acompanham seus pais no trabalho dos campos” (GOTTLIEB, 2015, p. 220).

mundo anterior ao nascimento. Neste capítulo, a autora ocupou-se de descrever de que maneira as mães relacionam-se com o leite materno, a relação dessa substância com questões sagradas e/ou culturais e o próprio aleitamento materno como um importante momento de troca e conhecimento sobre a vida anterior do bebê e também sobre os seus desejos.

No capítulo nove, chamado “O desenvolvimento dos bebês Beng”, a autora aborda questões relacionadas ao desenvolvimento dos bebês de colo – fala, dentição, engatinhar e caminhar – e desafia o modelo científico geralmente aceito por nós, já que a maioria dos estudos referentes ao desenvolvimento de crianças não ocidentais tem sido focada na questão da precocidade. Este modelo, segundo ela, carece de revisões simplesmente por tratar o desenvolvimento a partir de uma série única de normas, e é a partir dele que a precocidade ganha tal *status*. Gottlieb nos convoca a refletir que, se aceitarmos esse modelo de desenvolvimento como único e o imaginássemos em seu sentido inverso, se pesquisadores africanos com base em extensas pesquisas em seu continente considerassem o desenvolvimento das suas crianças de colo como norma, descobririam que crianças euro-americanas e europeias são lamentavelmente atrasadas em relação às crianças africanas.

No décimo capítulo – Os bebês Beng enfermos –, Gottlieb também aborda as questões relacionadas às enfermidades dos bebês. Apesar de o grupo Beng responder às questões sobre enfermidade evocando o mundo espiritual, a autora defende que a pobreza material – que remonta à época colonial e chega até os dias atuais – pode ser vista como responsável pelas enfermidades dos bebês de colo Beng. O povo Beng em geral, segundo a antropóloga, reconhece a pobreza em que vive, mas o que Gottlieb aponta é que pobreza e feitiçaria não acontecem em mundos diferentes e separados, sendo parte de um todo complexo, e atuam de modo concomitante para explicar as enfermidades das crianças pequenas.

Ao final do livro – capítulo onze, “Do *wrugbe* à pobreza” –, Gottlieb não se esquece de apontar questões muito atuais a respeito da tradição religiosa Beng e sua preservação, bem como sobre aspectos relacionados ao acesso à medicina ocidental, migração e educação dos jovens Beng. Demonstra também como a mudança nas práticas de agricultura alterou a estrutura social organizada em torno das figuras das *lenkūli* disponíveis para colaborar com o trabalho das mulheres nos campos. Ao apresentar este panorama, a autora põe em debate o futuro dos bebês de colo Beng, que são também atingidos por estas mudanças.

Este livro traz, assim, importantes contribuições à área da antropologia e também à sociologia da infância, por todas as questões apresentadas. Ao propor uma visão alternativa ao modelo ocidental de cuidado de bebês, a antropóloga põe em xeque alguns conhecimentos tidos como norma nos países considerados ocidentais, desconstruindo opiniões vistas como naturais. Esperemos, enfim, que uma tradição de publicação de livros desta monta estabeleça-se no Brasil, para impulsionar estudos na área e para reafirmar a importância de olharmos para os bebês a partir do que são e não do que virão a ser<sup>7</sup>.

7 No site [www.press.chicago.edu/books/gottlieb](http://www.press.chicago.edu/books/gottlieb), é possível acessar as fotografias presentes no livro. Acesso

---

## Referências

- COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2010. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11336/1/tese.pdf>>. Acesso em: 15. out. 2015.
- GOTTLIEB, Alma. Para onde foram os bebês? Em busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores). **Revista de Psicologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 313-336, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642009000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642009000300002)>. Acesso em: 15. out. 2015.
- PRADO, Renata. **A participação de crianças em pesquisas brasileiras das ciências sociais e humanas**. 2014. *Tese* (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- STAMBAK, Mira et al. **Os bebês entre eles: descobrir, brincar, inventar juntos**. Campinas: Autores Associados, 2011.

Recebido em 30/06/2015

Aceito em 03/11/2015